

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A amizade constitui um relacionamento importante no bem-estar subjetivo e para a associação dos cidadãos. Como profissionais de Serviço Social, uma profissão que tem como alvo os direitos sociais e as políticas sociais, e exercendo uma coordenação operacional junto ao Projeto “Idosos Colaboradores”, sentimos-nos comprometidos em contribuir para ampliar o espaço de participação política dos idosos brasileiros, tendo presente que ser velho não significa regredir à infância, ao passado do foi dos fatos, mas é tornar-se mais adulto, no sentido de portar uma bagagem acumulada de experiência e saber, embora vivenciando a sua condição humana de cidadão mais velho, que contribuiu para a longa construção dos direitos e da cidadania no contexto histórico brasileiro. Por isso a trajetória da realização do presente trabalho foi bastante desafiadora, porque o tema da amizade política no envelhecimento não é encontrado nos estudos nacionais e internacionais na velhice.

Hannah Arendt mostra que o domínio público originou-se no espaço privativo da vida e aquilo que é privado também pode ser exercitado na esfera pública, como a amizade política. Desse modo, ela nos convida a pensar que estes dois âmbitos da sociedade são interdependentes e interagem um com o outro. Por isso, a amizade política mostra-se importante, principalmente para a população idosa, que só há pouco tempo foi contemplada com a sua política própria (PNI), para que possam reivindicar melhores condições dessas políticas e atendimento dos seus direitos.

A análise dos resultados identificou duas categorias para definição, dimensão e característica de amizade: amizade como suporte social e amizade política. Amizades são construídas no trabalho, na família, na sociabilidade pública, na UnATI (cursos, oficinas, diversos projetos), nas atividades do Projeto “Idosos Colaboradores” e entre os seus integrantes. Desse modo, os idosos do Projeto “Idosos Colaboradores” são sujeitos sociais portadores de individualidades, que se inserem no espaço público, exercitando a amizade política, através do discurso e da ação. Pois, a amizade política altera completamente o jogo entre a luz e a obscuridade, entre o secreto e o

comunicável, próprio do espaço que preservamos para nós mesmos, alheios aos olhares de outros na nossa vida íntima e pessoal.

Dentre as atividades que os idosos desenvolvem no PICOL, o voluntariado que exercitam não diz respeito a um processo biológico e a sua motivação não é a manutenção da vida. Nem visa produzir para o consumo, não sendo fabricação, então o voluntariado que o referido Projeto proporciona não consiste no labor nem no trabalho, aproximando-se mais da ação. Pois a ação, segundo Hannah Arendt (2002 a) é a participação no espaço público, através de palavras e atos, sendo fundada na livre vontade. Dessa forma a ação que precede a vontade, o querer, sendo livre e criação, representa um nascimento – o novo -, a renovação, inovação.

Ora, a faculdade de agir interrompe o curso inexorável da vida, expressando que os homens não nasceram para morrer, mas para começar, embora morrer seja a vicissitude da vida. Começar de novo significa novo nascimento, ou novo início, renascer que é a imprevisibilidade da ação que, nessa condição, constitui um milagre que salva o mundo, transformando-o. Mas é preciso acreditar e ter esperanças para poder lançar-se na ação e agir junto com outros idosos, o que gera poder pela força da promessa, que é um lugar central do pensamento político de Hannah Arendt (2002a).

A promessa leva a um auto-domínio pela liberdade de lidar com outras pessoas plurais, comungando com o mesmo objetivo. Unidos em torno do mesmo objetivo, os idosos do PICOL podem dispor do futuro como se fosse o presente. Dito de outro modo, pelo poder de prometer, podem também nascer de novo, cumprindo a promessa para si mesmos e realizando assim o direito de inovar, participando do espaço público do Projeto, o que aproxima a ação voluntária do exercício da amizade política. Como ação, o voluntariado é o cumprimento da promessa da natalidade, o novo começo, através do diálogo e do agir no espaço público do PICOL, o mundo comum a todos os idosos que o integram, expressando-se no mundo comum, onde todos podem saber *quem é e do que alguém é capaz*.

A inserção nas atividades do PICOL, que foi mostrado pelos idosos como uma forma de enfrentamento da solidão e do isolamento e promove a construção da amizade política, é operado em torno de dois elementos fundantes da ética, na modernidade: o poder da promessa e do perdão de Hannah Arendt. O agir público,

através das atividades do PICOL, torna o mundo mais palpável para os seus integrantes idosos, cumprindo a promessa de participar do espaço público e aparecer para os outros, tentando resolver a imprevisibilidade do mundo - do que são. E se fazendo presente nessas ações, como atores e autores, podem realizar a faculdade do perdão, tentando reverter o que passou, e portanto, resolver a irreversibilidade da ação humana - do que fizeram e disseram. Assim, podem agir livremente, sem impedimento e sem constrangimento.

Observa-se na pesquisa que a concepção anterior dos idosos, dependentes do Estado e da família, não se aplica aos idosos do projeto, pois constatamos uma troca de solidariedade, através da ajuda financeira direta e indireta entre as gerações, onde a renda da maioria dos idosos representa um forte apoio financeiro aos filhos e netos. E participam mais do espaço público, em diversas instâncias da sociedade, aí incluindo os espaços de direitos (sindicatos, associações, fórum), após a sua inserção no PICOL.

Embora os amigos não substituam a família e os filhos sejam a fonte de apoio mais freqüente, nas necessidades, os amigos administram os cuidados, sendo assim suportes sociais, mas esse apoio geralmente é mais comum no grupo familiar e entre as mulheres idosas cuidam do cônjuge e de outros familiares. Observa-se, assim, que a família vem ocupando um lugar na rede social dos idosos, como uma parte desta e, não mais como o grupo único de relacionamento e solidariedade. Além disso, os idosos mostraram que têm sido importantes como apoio financeiro aos filhos e netos. Uma outra constatação é que morar só não foi associado ao enfraquecimento da amizade na família, mas como opção e mostra que as visitas dos filhos e netos, ao contrário, embora menos numerosas em alguns casos, são bastante prazerosas e interatuantes.

Embora os idosos do PICOL tenham mostrado que desempenham, na ação voluntária atividades correspondentes ao trabalho remunerado, sendo essa uma questão clara para os idosos, eles compreendem o voluntariado que exercitam como lugar de pertencimento, de engajamento social e agir coletivo, de desenvolvimento de potencialidade e novas aprendizagens, exercício de amizades políticas, garantia de direitos e da cidadania. Assim, os idosos mostram a amizade política pode ser uma saída possível para os impasses do mundo contemporâneo do efêmero, do íntimo, do individualismo, apesar da insegurança e da

desconfiança do outro que, sendo desconhecido e estranho ao convívio, dificulta os contatos e a amizade política como ação na coletividade.

Engajados no PICOL, os idosos expressam uma tentativa de reverter esse quadro, declarando que a amizade política não precisa, necessariamente, privar da intimidade do espaço privado da casa. Ao contrário, é no espaço público, do PICOL, da UmATI/UERJ, dos grupos de convivências, das praças, das ruas, dos Fóruns e Conselhos de direitos e outras associações, onde os idosos se engajam que essa forma de amizade é praticada.

Ao propiciar a participação dos idosos na sociabilidade do espaço público, comum a todos nós, de trocas coletivas, de trabalho, de experiências e de vivências, a equipe de Serviço Social do PICOL promove a sua inserção em um tempo de construção de relações sociais e de amizade política, não mais “relegados às sombras” (Arendt, 2002 a), como os relatos evidenciam. Essa participação como ação no mundo comum a todos os cidadãos, exercitando a política enquanto discurso e ação, no sentido da comunhão de questões inerentes à sua vivências, dá um novo significado à sua velhice.

Os idosos mostraram, que a sua opção individual e privada de ocupar o tempo vago do pós-trabalho, não significa necessariamente um modo burguês, nem moderno líquido e efêmero, mas o seu desempenho público mostra uma coerência com a escolha de serem úteis e doar seu tempo e potencialidade a outros idosos, onde realizam uma aprendizagem, se atualizam e fortalecem a sua autoridade e o seu poder, no espaço privado da família e no espaço público com todas as gerações. E deixaram claro, em seus depoimentos, que não é só a velhice que esvazia a autoridade e o poder, no que se refere à sua posição de educadores e transmissores da tradição, mas os tempos modernos e as suas drásticas conseqüências sociais, assim como a aposentadoria, que os afastou do principal espaço da sociabilidade onde construíram uma grande parte das suas amizades com quem, associados, podiam implementar as lutas por um exercício mais efetivo da sua cidadania.

As mudanças realizadas pela inserção no PICOL, verbalizadas por eles: maior participação pública, novas aprendizagens, construção de novas amizades, melhoria no poder e na autoridade na família e nas diversas relações intergeracionais, melhor compreensão do voluntariado do projeto e do problema dos outros, ampliação desta forma de relacionamento fora da família, melhor

relacionamento com os filhos e os netos, realização de projetos para a vida, enfrentando o curso inexorável do tempo. Informados sobre os direitos, adquiriram mais conhecimentos e podem exercer esses direitos, sendo por isso, mais esclarecidos.

Essas mudanças observadas promovem um resgate da sua auto-estima e múltiplas formas de sociabilidade “no encontro com o outro”, exercitando também a solidariedade, que é associada à amizade política. Ingressam nas diversas atividades oferecidas pela UnATI/UERJ (Cursos, Oficinas, Projetos de atividades voluntárias e diversos Eventos), enquanto um espaço propiciador de vida ativa para os idosos, tentando fazer novas amizades e vencer a solidão e re-significam a sua forma de viver (Peixoto (1997:71-3).

Os resultados da pesquisa também mostraram que os idosos exercitam no Projeto uma solidariedade doadora existencial, no momento em que doam seu tempo, seu potencial e seus conhecimentos acumulados, durante a vida e adquiridos no PICOL, e se ocupam dos outros idosos, em uma forma de cuidado, prestando um suporte social, colaborando e dialogando, sendo identificados com a sua problemática: ser idoso. E, em um agir na relação dialógica, interagindo com outros no espaço público do PICOL, os idosos mostraram desenvolver, uma relação, “mutuamente predicada entre substâncias independentes”, sem perder a identidade. Por isso, podem exercitar a amizade política, pois duas pessoas amigas são amigas apenas “na relação que mantêm entre si”. Quando a amizade acaba os amigos tornam-se ‘substâncias’ (seres, pessoas) independentes (Arendt, 2002 d:258).

Os idosos declaram que as reuniões com o Serviço Social garantem o direito de se comunicar, de falar, de trocar, de participar. Luiz considera as reuniões um espaço de cidadania, solidariedade e exercício dos direitos. Consideram importante conhecer os direitos e as leis que os garantem. Dessa forma, caracterizam as reuniões como um espaço de amizade política. Ao informá-los sobre os direitos sociais nas reuniões, visando torná-los agentes multiplicadores para além dos espaços da UnATI, inclusive dos direitos, os idosos declararam que a equipe de Serviço Social garante um espaço de direitos, o que sugere um empoderamento ou instrumentalização e autonomia, para poderem lutar no sentido de garantir e preservar esses direitos, o que mostra que os objetivos do Projeto “Idosos Colaboradores” têm sido alcançados. Além disso,

essa condição de multiplicadores, expressa na pesquisa, revela que, dialogando com os outros idosos na pluralidade, os idosos colaboradores utilizam as informações das reuniões com o Serviço Social, informando sobre os direitos sociais, o que caracteriza a prática da solidariedade e a amizade políticas.

Enquanto tentativa de sair do isolamento e estratégia criada pelos idosos, para a construção de novas amizades nos espaços públicos, de sociabilidade e solidariedade, correspondendo às demandas dos idosos expressas nas reuniões com o Serviço Social e alcançadas como a pesquisa mostra, o PICOL permite também desenvolver um envelhecimento ativo, empregando o tempo livre com mais criatividade. Possibilitando uma “reinvenção de uma velhice pautada, doravante, em outra perspectiva de vida, com novas distribuições de papéis” (Peixoto, 1997:45; 73), dando um novo sentido à sua velhice. E dessa forma, a visibilidade dos idosos, ao participarem das atividades do PICOL, onde aprimoraram o seu poder de luta, através da amizade política, pode ser apreendida na sua totalidade pela sociedade.

Os idosos também mostraram que exercitam, livremente, uma colaboração social no espaço público e plural do PICOL, em condição de igualdade, como uma prática democrática que livremente escolheram para viver a sua velhice como querem. Os idosos mostram, desse modo, que ação e pensamento se intercalam e podem ser realizados nesse espaço coletivo, quase totalmente, como em Arendt (2002 a), constituindo um agir público, pensado e elaborado. Inseridos nas atividades do Projeto, e através dessa capacidade de escolha como sujeitos responsáveis e por isso éticos, podem expressar a sua identidade como sujeitos de direitos, ou seja, como cidadãos. Também expressaram a garantia, pelas assistentes sociais do projeto, da liberdade ao agirem em condições de igualdade no exercício da amizade política, pois como diz Arendt (2002 d), a vontade política

é possuída pelo cidadão, e não pelo homem em geral, só pode se manifestar em comunidades, onde o relacionamento dos muitos que vivem juntos é, tanto no falar quanto no agir, regulado por um grande número de *rappports* – leis, costumes, hábitos similares. Em outras palavras, a liberdade política só é possível na esfera da pluralidade humana

(Arendt, 2002d:336)

De fato, pois a amizade política só pode ser pensada na ordem do que não é particular, mas do que é acessível, transmissível e socializado. Este fato é

significativo para não se confundir as dimensões da amizade, embora para se constituir no espaço público essa forma de relação necessite de uma existência na privacidade, como sentimento, exercendo a função de suporte social e no âmbito político, pela participação no espaço público. Essa associação comum amistosa e política, que é também ética, forma uma “comum união” entre as pessoas, segundo o depoimento de Rosa, sendo ação coletiva no espaço público porque essas atividades constituem uma forma de pertencimento, uma percepção dos outros como se fossem “nós”. A relação de amizade política que os idosos constroem, ultrapassa portanto a intimidade do “eu e tu”, posto que é uma associação contextualizada na diversidade e no espaço dos conflitos sociais e geracionais, sendo exatamente por isso, que o espaço da política não requer necessariamente o consenso.

As amizades são construídas nos espaços públicos, inclusive na UnATI/UERJ e no PICOL, entre os seus integrantes, com a equipe de Serviço Social, e outros sujeitos. Algumas amizades são profundas, sinceras, mas a maioria são amizades leves, como disse Rosa e são mantidas pelos idosos, no cotidiano do projeto e por telefone. Embora relatem que encontrem dificuldade na velhice em construir amizades, eles demonstraram continuar construindo esse relacionamento, constantemente. Os idosos expressam também um descrédito e uma desesperança na política brasileira e alegam que a corrupção tomou conta da mesma.

Talvez por causa dessa forma de compreensão da política do nosso país, a maioria dos idosos não conseguiram perceber claramente a amizade exercida por eles, como ação política. Três idosas declararam que a amizade não está associada à política e duas idosas e um dos idosos expressaram essa associação. Mas foi Luiz quem definiu e afirmou ser a amizade exercitada no PICOL, um amizade política: “Sim, sem dúvida nenhuma é uma amizade política” (Luiz)¹. Para ele, a amizade política não constitui uma amizade profunda, nem priva da convivência da intimidade do lar, que associa à compreensão de amizade política de Hannah Arendt (2002 a).

A amizade política, esse agir livre e público na pluralidade, através da qual os idosos do PICOL se autorizam e se potencializam para lutar por direitos, vai

¹ A resposta completa encontra-se no capítulo 5, referente à pesquisa, como visto.

para além da reação contra uma “velhice decrépita e assistida”. Representa em si mesma uma transgressão, no momento em que constitui um vínculo, na convivência com outros sujeitos, indo assim na contramão da sociedade contemporânea individualista, guetificada, virtual e líquida. Ao expressar a amizade política, que viabiliza o querer e a própria ação política no Brasil contemporâneo, onde a lógica de uma cidadania consumista, sobrevalorizando a impessoalidade do shopping center, os idosos do projeto contrariam essa lógica individualista e, desse modo, se assumem como cidadãos de todos os direitos fundamentais e sociais, no mesmo patamar de todos os cidadãos brasileiros.

O fator transgressivo da amizade política está no fato de que ela não existe sem a presença da amizade como um sentimento e que se baseia na confiança, na confidência e ocupa uma posição de suporte social (apoio e ajuda mútua), ao contrário dos contatos a esmo e provisórios da sociedade narcísica contemporânea. Desse modo, a amizade e principalmente a sua condição política assume para os idosos uma característica de ruptura com o *quem são, o que querem, o que fazem*, na sociedade líquida moderna e o que podem fazer, verdadeiramente. Outros fatores, além dos relatados acima, podem interditar a amizade política, principalmente entre os idosos. Mas essa forma de análise foge do objetivo do nosso estudo, ficando em aberto para outras pesquisas.

Os idosos ainda declaram que a vida dos idosos no Rio de Janeiro é difícil por causa do desrespeito, do preconceito, do conflito entre gerações (dentro e fora da família), bem como o atendimento das políticas sociais, como as filas na saúde, tratamento desrespeitoso na Previdência e nos transportes públicos e o baixo valor da aposentadoria. Entretanto, ressaltam a importância dos programas como a UnATI e do PICOL, como espaços de atualização e informação sobre os direitos dos idosos, capacitando-os a garantirem os seus direitos, o que eles consideram um “avanço” no Rio de Janeiro, porque operam mudanças nos idosos e na sociedade.

Decepcionados com a política, que associam à política partidária e escolha por voto, e à participação, aos direitos sociais, à cidadania e ao PICOL, para eles ainda há muito o que mudar e os projetos existentes podem melhorar. Pontuam a importância da luta organizada, para promover mudanças, assim como reconhecem a dificuldade dos assistentes sociais trabalharem, no sentido de ajudar a população idosa a lutar por seus direitos. Apontam também o respeito aos idosos

e o cumprimento das leis existentes. E expressam uma preocupação com o futuro, mostrando que no presente, assistem às conseqüências desastrosas da política brasileira, que os leva à descrença e permite propor “ações enérgicas” (Luiz). Propõem também os cursos para a Terceira Idade, mas para a população idosa, a partir dos sessenta anos, pois consideram que na idade mais avançada é mais difícil aprender. E esses idosos, inclusive os de 60 anos, devem ser bastante estimulados a freqüentar os cursos.

Ao se perceberem participando do mundo público do PICOL de forma positiva, analisando e propondo, esses idosos constroem novas representações e novas identidades, aumentando a sua auto-estima e sua autonomia, que o exercício da amizade enquanto política, expressa na pesquisa, parece ser primordial para manter.

Propostas

A partir das constatações da pesquisa, apresentamos algumas propostas:

- ampliar ações que levem em consideração o suporte de amizade e a amizade política, através do estímulo dos contatos e da integração.
- A equipe do Serviço Social do PICOL pode ampliar as Oficinas de Direitos Sociais e tentar sistematizá-las como integrantes da grade curricular dos cursos e oficinas da UnATI/UERJ.
- Maior divulgação sobre os direitos sociais dos idosos, junto às famílias e promoção de ações voltadas para a integração das gerações dentro e fora da UnATI/UERJ.
- A equipe do Serviço Social pode ampliar e consolidar a assessoria aos idosos do PICOL que estão engajados em atividades e ações políticas nos sindicatos, condomínios e associações.
- Promoção de ações que propiciem reflexões sobre os preconceitos presentes na sociedade.
- Realização de mais pesquisas sobre a amizade na velhice, que aprofundem a temática expressa na presente pesquisa: amizade no âmbito do político, dos direitos e da cidadania.